

A lírica escura de Luís Quintais

Ida ALVES

Universidade Federal Fluminense – UFF / CNPq
idafalves@gmail.com

Résumé : Il s'agit d'analyser la poétique de Luís Quintais, l'une des voix les plus marquantes de la poésie portugaise contemporaine, dans sa dimension catastrophique, en considérant les façons dont le sujet contemporain occidental figure le monde où il habite, dans la mesure où tout tend à la ruine et à la disparition. Dans la poésie portugaise, une autre voix a déjà travaillé cette ruine sociale : Carlos de Oliveira. A l'époque actuelle, les poètes contemporains portugais, chacun à leur façon, disent cet espace ruiné de la vie, mais Luís Quintais indique plus anthropologiquement l'existence au bord du précipice. Nous parlons donc d'une « lyrique sombre », image omniprésente dans sa poésie.

Abstract: This paper aims to introduce the poetics of Luís Quintais, one of the strongest voices of contemporary Portuguese poetry, in its catastrophic aspect, ie, the ways in which Western contemporary subject figures the world where they live, with the perspective that everything tends to ruin and disappearance. In the Portuguese poetry, previously, a voice had already worked this wire of social ruin, Carlos de Oliveira. In our present time, the Portuguese contemporary poets, each in their own way, say this ruined space of life, but it is Luís Quintais who points more anthropologically the existence on the brink, that's why we speak of a « lyrical dark », image present in his poetry.

Mots-clés : poésie portugaise contemporaine, Luís Quintais, catastrophe

Keywords: contemporary Portuguese poetry, Luís Quintais, catastrophe

A POESIA É UMA FORÇA
DESTRUTIVA

Isto é que é a miséria,
Nada ter no coração.
É ter ou nada.

É uma coisa ter,
Um leão, um boi no seu peito,
Senti-la respirando ali.

Corazón, cachorro bravo,
Bezerro, urso de pernas tortas,
Ele prova seu sangue, não cospe.

É como um homem
No corpo de uma fera violenta.
São seus os músculos dela...

O leão dorme ao sol.

O nariz entre as patas.
Ela pode matar um homem.

Stevens Wallace

Início com algum contexto externo relativo à época da redação inicial deste artigo: novembro de 2015. Há poucas semanas, estava fora do Brasil, participando de eventos acadêmicos. Em Portugal, nas cidades do Porto e de Lisboa. Na Suíça, na cidade de Zurique, partilhando as horas de refeição com colegas portugueses residentes nesses centros urbanos. Tema constante nos três espaços: a questão europeia, a possibilidade ou não de uma identidade de Europa, a falência de um projeto humanista numa Europa dividida frente aos acontecimentos que provocam o exílio e a migração de milhares de pessoas a buscarem, nessa mesma Europa, salvação mas encontrando, muitas vezes, a morte. Nas opiniões, nas discussões à mesa, pairava, de um lado, o sentido agudo da crise social, ideológica e econômica que a ideia de Europa, atualmente, na sua diversidade interna, manifesta; de outro, a persistência de certo idealismo em torno da ideia de comunidade e seu projeto humanista, aqui e ali mesclado à descrença frente às experiências cotidianas de lidar com as diferenças, com o outro que bate à porta. O repúdio a discursos e gestos da extrema direita, o espanto frente a esse novo tempo de barbárie que se vai configurando no nosso mundo contemporâneo. Do meu lado, à noite, em quartos confortáveis de hotéis dessas cidades europeias, com as conversas ainda se entrecruzando na memória, fazia a leitura de livros de poesia, naquele momento, de Luís Quintais.

Sim, tudo se interliga, pois nessa poesia contemporânea se escreve também a consciência do desconcerto ou do desassossego de nosso tempo, ou talvez devêssemos falar da catástrofe que se desenrola à nossa frente, mas é amenizada pela transmissão em cortes em telas que nos cercam em nosso dia-a-dia. Por isso, este artigo chega aqui, continuando a leitura da escrita poética de Luís Quintais¹, que vem publicando há cerca de vinte anos. Começou em 1995, com a edição bilíngue português-espanhol de seu primeiro livro, *A Imprecisa Melancolia*, graças ao «III Prêmio Aula de Poesia de Barcelona», ponto inicial de uma trajetória poética que já podemos considerar uma das mais fortes da poesia portuguesa recente. Desde então, somaram-se títulos, alguns premiados: *Umbria e Lamento* (ambos de 1999), *Verso Antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto Onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008) e *Riscava a palavra dor no quadro negro* (2010). Mais recentemente publicou, em 2013, *Depois da Música*, e, no ano seguinte, *O Vidro*. Em 2015, *Arrancar penas a um canto de cisne. Poesia 2015-1995*.

Quintais é um poeta que se manifesta publicamente, que analisa a sociedade e o tempo dos quais participa. É também antropólogo, professor da Universidade de Coimbra, aceita ser entrevistado e responde muito conseqüentemente às interrogações que lhe fazem. A poesia não lhe parece ser um espaço diferente da existência cotidiana, pelo contrário, é o seu modo de se pensar e pensar nossa realidade. Angolano, por nascimento, desde cedo aprendeu os sentidos do dicionário da guerra. Retornado a Portugal, pós-75, fez lá toda a sua formação. No presente, para além de sua poesia, publica estudos antropológicos e estudos poéticos, está presente com frequência nas

¹ Nasceu em Angola, em 1968, mas, após 1975, passou a viver em Lisboa, onde fez todos os seus estudos. Atualmente, é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, onde coordena diversas atividades da área, com pesquisa sobre as relações entre arte, ciência e cognição. Coordena ainda o grupo de discussão e de experimentação intitulado Multiplanos (acessível em <http://milplanaltos.wordpress.com/>). Página própria em <https://luisquintaisweb.wordpress.com/>

revistas literárias portuguesas *Colóquio/Letras* e *Relâmpago*. É um poeta que expõe sua descrença e sua ainda, por vezes, persistente resistência. É um poeta que se interessa pelo que está aí e nos interessa ao pensarmos em crise, em desumanidade, em ruínas da História. Trabalho poético muito atento à vivência urbana e às experiências de um mundo contemporâneo complexo marcado pelo desequilíbrio entre a alta tecnologia (a construção de mundos) e a capacidade de barbárie (a destruição de mundos). Uma poesia antropológica extremamente consciente das cartografias da emoção em poesia: visualidade, memória e identidades em transformação.

Numa leitura² panorâmica de seus poemas, continua significativo, ainda hoje, o título do primeiro livro, *A Imprecisa Melancolia*. Realmente, o sujeito lírico que transita nos poemas desvela a melancolia presente nas diferentes experiências cotidianas de um mundo frágil e incerto, na vivência de coisas efêmeras, refletindo-se numa escrita de observações breves, de olhares rápidos, de sensações múltiplas a formular a irremediável solidão de cada um, apesar de tantos aparatos de comunicação e de tanto excesso de imagens. Manifesta forte atenção ao humano na sua relação com as coisas, observando a nossa condição urbana e a relação intensificada entre corpo e máquina, os contrastes constantes entre desenvolvimento tecnológico e barbárie.

A cidade, realidade antropológica determinante, é espaço percorrido e vasculhado por um olhar lírico que a absorve intensa e intimamente. Da cidade (espaço de concentração) à natureza (espaço de expansão), configuram-se paisagens diversas sempre instáveis. São recorrentes, em diversos poemas, a nomeação de elementos dispersos da natureza (árvores, aves e outros animais, por exemplo) a figurar ainda nos espaços citadinos tão preenchidos de volumes inorgânicos. Esses elementos dispersos acionam vivências perdidas no tempo, com retorno apenas na memória do poema a partir do enfrentamento do precário e do mutável. Pode-se dizer que sua poética se faz de muitas camadas, paisagens exteriores que se cruzam com paisagens da memória reencontradas pela escrita lírica, demarcando uma apreensão do real instável, de forte fluidez e errância, uma «líquida paisagem» que talvez seja, como metáfora, a imagem mais representativa dessa obra poética³. Trata-se de escrita em estado de crise (no sentido discutido pelo crítico brasileiro Marcos Siscar, no seu livro *Poesia e Crise*), continuamente interrogativa da relação do homem com as coisas que estão no mundo, sabendo o poeta que não há mais pertença a um lugar, a não ser como ficção transitória. Aliás, sobre isso, é interessante notar o que diz Quintais em blogue, a respeito de suas próprias investigações acadêmicas:

A este propósito, estou a tentar fazer uma etnografia histórica sobre acidentes tecnológicos que procure dar a perceber como é que a ciência faz mundos e como, em processo, os destrói. «Modos de fazer mundos», sem dúvida, para usar o belíssimo título de Nelson Goodman, mas também modos de destruir mundos, acrescentaria eu. Aliás, talvez me interesse mesmo muito mais compreender por que se destrói do que por que se constrói. E o que podemos construir depois de uma irreversível e intensiva destruição dos mundos (naturais, culturais)? Penso que tudo o que tenho feito e tudo o que me proponho fazer se prende com uma certa leitura do que é sermos modernos:

² Parte do que se desenvolve aqui foi pensado inicialmente para apresentação a uma antologia brasileira da poética de Luís Quintais, publicada pela editora Oficina Raquel, em 2008, no Rio de Janeiro. Ver referência ao final.

³ Leia-se, por exemplo, o poema «Canção», em *Umbria* (1999), p. 13: «Tão contrária ao resto / a pequena canção / que embala a morte. // Tão contrária ao dia / a estreita linha / que nos separa da alegria. // Tão cheia de vozes / que se anulam, / esta morada, // esta chegada // ao termo da viagem, // esta partida // para a noite-margem. / Tão fina esta lâmina / que fundo fere // a água, a líquida paisagem. / Tão esquecida / esta face, este rio, // a corrente que nos empurra / a treva / que nos impele.»

que condição é esta, a de vivermos como modernos?⁴

Essa experiência de precariedade e mesmo de destruição atravessa sua obra poética, seja formalmente, quando domina os poemas curtos e os versos breves, com imagens sempre em mudança, instáveis, seja captando a fragilidade dos seres e a ruína, a decadência das coisas. Mas é sobretudo o poema um estado precário, feito de memórias perdidas, de tempos passados, de olhares do presente móveis e inconstantes, de fragmentos, restos diluídos na linguagem. São «arquivos» que nada guardam, que se fecham e se abrem numa busca de algo impreciso e indizível: a escrita fugidia como a água, como a nos lembrar o espanto lírico de versos de Pessanha: «Imagens que passais pela retina / Dos meus olhos, porque não vos fixais? / Que passais como a água cristalina / Por uma fonte para nunca mais!...»⁵ Escreve o poeta contemporâneo:

Em busca de uma outra síntese entre a noite e a manhã:
o primeiro verso, a água que escorre a contra-luz
do primeiro verso.

Dar o mundo como adquirido, depois rejeitá-lo.
Maneiras de dizer o novo e encontrar escolhos
em todos os sítios onde a música irrompe.

Descrever uma situação e ser condenado pela memória.
Tudo começa na inutilidade dos fragmentos
descritos um a um, ou nas suas invisíveis conexões:

[...]

cada palavra que se repete por uma voz que se desconhece,
a voz das palavras no tempo de cada início⁶.

Uma poética extremamente visual, como aliás a crítica aponta com insistência, em que um sujeito poético busca fora de si, no mundo *olhado*, contingente, uma direção, alguma possibilidade de reencontro com o horizonte humano (aliás, o poeta também publica, em sua página pessoal, fotografias em que, entre ruínas ou decadências, há sempre alguma fresta por onde se olha o céu...), mesmo sabendo que tudo é débil e em mudança. Institui-se, dessa forma, uma poética em crise da própria subjetividade moderna e da linguagem lírica, questionando a representação de mundos, a realidade como impossibilidade. O olhar erra como erra a escrita, embora ainda seja o poema um *espaço*, uma outra natureza partilhada. A poesia, assim, é uma confrontação permanente dessa insuportabilidade de viver, criando meios e formas de ultrapassar o excessivamente visível para atingir outras paisagens que o corpo percebe e vivencia.

O processo para construção de imagens em sua poesia é, em geral, a descrição, mas essa vontade descritiva é sempre um colocar em tensão, um «duelo» entre o que se vê e o que se escreve. O sujeito lírico se declara um observador ou contemplador, mirando nas coisas ao seu redor o distante e o longínquo, um horizonte possível no fundo da cena urbana, «a interrogar, de novo, a invisibilidade / das coisas que se iluminam por

⁴ Ver <https://luisquintaisweb.wordpress.com/bio/> Acessado em 15/10/2015.

⁵ PESSANHA, Camilo. *Clepsidra* / org. apres e notas de Paulo Franchetti. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 80.

⁶ QUINTAIS, Luís. *Umbria*. Lisboa: Cotovia, 1999. Poema «VT», p. 54.

dentro»⁷. Sua escrita é quase uma janela aberta na página em cuja moldura poeta e leitor se detêm frente «à indigência do real cotidiano»⁸. Versos lúcidos, e retomo a lucidez de Álvaro de Campos, que se efetivam como reversos de emoções partilhadas e de gestos solitários, a dizer como a poesia é um ofício de inquietude e atrito, uma necessidade interrogativa frente ao mundo que nos cabe habitar, por isso necessariamente política, necessariamente humana entre coisas e gestos desumanos. E, por isso, o poeta, *pensador lírico*, poderá afirmar, numa entrevista: «Talvez ela [a poesia] figure a única possibilidade hoje de uma metafísica secular (Stevens, outra vez): certamente uma extravagância»⁹. A poesia de Luís Quintais diz «o não-poder / a impossibilidade» de cada dia e talvez seja essa «impossibilidade» sua motivação, pois «move o braço, / o voo começará onde não houver sentido»¹⁰.

Quintais dialoga, de fato, com uma tendência que se evidencia em muita poesia portuguesa de agora, europeia, portanto: uma sensibilidade urbana, sem ilusões, que se vai constituindo de resíduos, de pequenas e triviais emoções diárias num presente de rasuras, tão cheio da excessiva presença *espetacular* de tudo e, por isso mesmo, tão vazio, tão massificante e indiferente aos seres e às coisas, daí o domínio das ideias de consumo e descarte tão presentes nas sociedades ditas desenvolvidas de hoje. Um título seu – *Angst* – é fortemente revelador dessa perspectiva. Palavra alemã que significa temor, desespero, angústia (*fr. angoisse*); em filosofia, é termo ligado a «temor resultante sobretudo da indiferença, da falta de objetivos ou de sentido no universo»¹¹. E, nesse livro de Quintais, registra-se a barbárie emblemática do início do século XXI no poema intitulado apenas com uma data, «11 de setembro de 2001»: «Virá o dia / em que também nós / da torre de vidro / para o vazio saltaremos. / Em desamparada queda / estamos já. / Entre o salto / e a derradeira palavra, / lembrar-nos-emos / de uma nuvem ou de um madrigal. / De que nos serve / o brilho insito / em rápidos vidros / durante a queda? // Turvamos águas. / Nada mais.»¹².

Doze anos depois, nesta já segunda década do século XXI, Quintais publica *Depois da Música* (2013), no qual essa «desamparada queda» continua com mais velocidade seu trajeto. É já lugar-comum usar a afirmação adorniana¹³ (1949) sobre a impossibilidade de se escrever poesia após Auschwitz. Mas é Adorno também, mais tarde, que volta a afirmar que é por haver barbárie que se tem que continuar a escrever¹⁴. Penso nisso, com esse livro de 2013: se, para o poeta, numa entrevista, «a poesia é a música da mente, isto é, a realidade da imaginação a que não nos podemos furtar porque é parte da nossa condição e da nossa tragédia»¹⁵, vivemos agora de novo,

⁷ *Ibid.*, p. 12. Versos do poema «Versos Antigos».

⁸ Ver palavras finais, p. 51 e 52, do livro *Riscava a palavra dor no quadro negro*. Lisboa: Cotovia, 2010.

⁹ Em www.rascunho.rpc.com.br (*Rascunho*, Curitiba, 2008).

¹⁰ QUINTAIS, Luís. *Riscava a palavra dor no quadro negro*. Lisboa: Cotovia, 2010. «Poema XIV», p. 25.

¹¹ BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 15.

¹² QUINTAIS, Luís. *Angst*. Lisboa: Cotovia, 2002. Poema «11.09.01», p. 62.

¹³ «O problema referente à poesia após Auschwitz em Adorno consiste numa aporia inevitável para uma reflexão sobre a explícita impossibilidade que permeia a poesia que se articula com o real dos campos de concentração. A questão surge em seu texto *Crítica cultural e sociedade*, escrita em 1949, na passagem do texto o filósofo escreve: 'A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas' (Adorno, 1998: 26)». Wesley Carlos de Abreu. Sobre aquilo que não se pode falar: a poesia depois de Auschwitz em Theodor W. Adorno in <http://www.herramienta.com.ar/coloquios-y-seminarios/sobre-aquilo-que-nao-se-pode-falar-poesia-depois-de-auschwitz-em-theodor-w-ad>

¹⁴ A respeito, ler GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 72.

¹⁵ Cf. A nova poesia portuguesa: entrevista a Luís Quintais. Ver em

em tempo de nova barbárie, a necessidade de continuar a cantar. Dividido em 5 partes, Vestígio, Treva, Contágio, Diorama e Ana, os poemas desse livro apresentam um léxico onde dominam o escuro e o arruinado. A relação do poeta com o trabalho de escrita está marcada pelos sentidos de destruição que o nosso tempo fornece:

Depois da música, a poesia será escrita como se tingida por inegociáveis medos. Debruçou-se sobre a mesa, sobre o arquivo, sobre o mapa da sua morte, escutou o rumor de um mar espesso, sem mecânica. Saiu pela porta sem porta da história e voltou ao terreno da biografia. «A música acabou», escreveu, «a história jaz sepultada, sem herói civilizador.» Tudo agoniza, agonizará a partir desse ontem. Um plasma queima o sangue por dentro, e é suja a noite, suja de um azul ameaçador. Debruçou-se sobre a mesa. Os prédios estremeciam como uma pele estremecente. A mesa era negra, como fora o quadro riscado. Dedicado, perseguia um desígnio distante, talvez apagado no chão móvel da página¹⁶.

Em outros poemas, páginas adiante, lemos ainda:

Esta manhã olhei do vidro
despedaçado da cozinha
para o outro lado
o lado das ruínas e do pó,
e uma palavra surgiu
na página limpa do porvir
como uma nuvem
ou uma mentira,
agreste severo pensamento
sob o peso do acontecido¹⁷.

ou

Aperta-se-me o rosto
como um coração volátil
preso à ruína.

A memória da cidade esconde-se
na sinuosa cidade do sangue

Neurónios tecem o urbano desespero
do sem-sentido...

Nada será recuperado, a não ser este vestígio
de uma mão traçante¹⁸.

e

Ninguém reparou na morte
sua, dos animais, o pássaro, o cão,
dóceis no desamparo,

<http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/viewFile/313/269>. Acessado em 10/10/2015.

¹⁶ QUINTAIS, Luís. *Depois da música*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013. Poema em prosa «Depois da música», p. 8.

¹⁷ *Ibid.*, poema «Manhã», p. 16.

¹⁸ *Ibid.*, poema «A flora azul, ainda», p. 18.

o prédio estalando
sob a ruína da luz, massa
que coze no forno rubro.

Ninguém reparava¹⁹.

Nesse livro de 2013, não só a poesia diz o nosso tempo escuro, como o poeta convoca outros poetas na inquietude da palavra lírica: Álvaro de Campos, Ruy Belo, Sophia, Gastão Cruz, por exemplo, mas há outros também, o sempre presente (em seus versos) poeta americano modernista Wallace Stevens, além de músicos. Enfim, a poesia como canto contínuo, como voz resistente a enfrentar os ventos da História (Walter Benjamin, é claro...). Quanto mais parece que «Os poetas vão ficar no desemprego, em breve, muito em breve.// Os algoritmos sem erro, perfeitos de pesadelo, escreverão melhor.»²⁰, que «o mundo foi eviscerado»²¹, que «A Europa, uma península ferrugenta. // Nova Iorque, um vitral a quebrar-se»²², que «Todas as línguas do mundo se sujaram./ Fomos condenados à gaguez triunfal /pela qual procuramos ainda dizer o que nos recusaram»²³, que

[...]
O tempo dos assassinos
Veio para estar,
Aqui, a nosso lado,
Sentado e escuro
Na suburbana paragem.
Que dizer-te?
Um silvo flecte o ar.
É a tua voz distorcida,
Dobrada pelo eco,
O da descrença²⁴.

A poesia de Quintais está, portanto, profundamente ligada à sua contemporaneidade. Quanto mais isso é o nosso tempo, é que é cada vez mais necessário entender que «um acto só pode ser / revisitado / pela treva / que o precipita / na treva.»²⁵, ou, como escreveu Agamben e como tão lucidamente esse poeta de que falamos expõe: «[...] contemporâneo é aquele que mantém o olhar sobre seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas sim sua obscuridade. Todos os tempos são obscuros para quem experimenta sua contemporaneidade. Contemporâneo é quem sabe ver essa obscuridade, quem está em condições de escrever umedecendo a pena nas trevas do presente»²⁶.

¹⁹ *Ibid.*, poema «Urbana», p. 31.

²⁰ *Ibid.*, p. 82.

²¹ *Ibid.*, p. 81.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*, p. 79.

²⁴ *Ibid.*, p. 57.

²⁵ *Ibid.*, p. 25.

²⁶ «[...] le contemporain est celui qui fixe le regard sur son temps pour en percevoir non les lumières, mais l'obscurité. Tous les temps sont obscurs pour ceux qui en éprouvent la contemporanéité. Le contemporain est donc celui qui sait voir cette obscurité, qui est en mesure d'écrire en trempant la plume dans les ténèbres du présent. [...]» AGAMBEN, Giorgio. *Qu'est-ce que le contemporain?* Paris: Rivages poche / Petite Bibliothèque, 2008, p. 25. Tradução nossa.

Referências bibliográficas

ABREU, Wesley Carlos. Sobre aquilo que não se pode falar: a poesia depois de Auschwitz em Theodor W. Adorno. In <http://www.herramienta.com.ar/coloquios-y-seminarios/sobre-aquilo-que-nao-se-pode-falar-poesia-depois-de-auschwitz-em-theodor-w-ad> Acessado em 10/11/2015.

AGAMBEN, Giorgio. *Qu'est-ce que le contemporain?* Paris: Rivages poche/Petite Bibliothèque, 2008.

BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra* / org. apres e notas de FRANCHETTI, Paulo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

QUINTAIS, Luís. *A imprecisa melancolia /La imprecisa melancolia*. Barcelona: Lumen, 1995.

_____. *Umbria*. Lisboa: Cotovia, 1999.

_____. *Verso antigo*. Lisboa: Cotovia, 2001.

_____. *Angst*. Lisboa: Cotovia, 2002.

_____. *Poemas de*. [antologia]. Apres. Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2003.

_____. *Duelo*. Lisboa: Cotovia, 2004.

_____. *Canto onde*. Lisboa: Cotovia, 2006.

_____. *Mais espesso que a água*. Lisboa: Cotovia, 2008.

_____. *Luis Quintais*. Col. Portugal, 0, v.3. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2008.

_____. *Riscava a palavra dor no quadro negro*. Lisboa: Cotovia, 2010.

_____. *Depois da música*. Lisboa: Tinta-da-china, 2013.

_____. *O vidro*. Lisboa: Cotovia, 2014.

_____. *Arrancar penas a um canto de cisne*. Poesia 2015-1995. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

Rascunho, Curitiba, 2008. In <http://rascunho.com.br/>. Acessado em 10/11/2015.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2010.